

# Narrativas pictóricas em pausa: entrevista com a Artista Professora Fátima Junqueira<sup>1</sup>

Paused pictorial narratives: interview  
with Artist Professor Fátima Junqueira.

Narraciones pictóricas pausadas:  
entrevista con la artista profesora  
Fátima Junqueira.

**Marta Facco<sup>2</sup>**

---

<sup>1</sup> Artista visual e professora com trabalho na área de pintura. Graduada e pós-graduada pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), com formação complementar pela FKN (Freie Kunstakademie Nürtingen) na Alemanha. Tem realizado e participado de exposições. Trabalhou como professora no Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (UNESP) e no Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atualmente é professora na Escola de Música e Belas Artes da Universidade Estadual do Paraná (EMBAP-UNESPAR). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2131412997618053>

<sup>2</sup> Doutoranda em Artes Visuais pela UDESC/PPGAV, Mestra em Artes Visuais UDESC, Bacharel em Desenho e Plástica UFSM, Integrante do Grupo de Pesquisa Entre Paisagens UDESC/CNPq, do Projeto de Pesquisa *O estúdio de pintura como laboratório de ensino e aprendizado em Artes Visuais* UDESC/CNPq, é membro do Projeto de Ensino e Extensão e do Grupo de Estudos Estúdio de Pintura Apotheke UDESC/CEART. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7820911643666261>  
Orcid ID: <http://orcid.org/0000-0002-7641-8951> E-mail: [martafacco@hotmail.com](mailto:martafacco@hotmail.com).

**Resumo**

Esta entrevista tem por objetivo trazer questões referentes ao processo criativo em pintura da Artista Professora Fátima Junqueira, questões essas que permeiam as construções pictóricas da artista e sua atuação como professora de pintura na Escola de Música e Belas Artes da Universidade Estadual do Paraná. Busca-se apresentar procedimentos, documentos de trabalho e relações pertinentes ao ensino da pintura na universidade como forma de aproximar arte e vida, prática artística e prática docente.

**Palavras-chave**

pintura; processo criativo; documentos de trabalho; prática artística; prática docente.

**Abstract**

This interview aims to raise questions regarding the creative process in painting by the artist and Teacher Fátima Junqueira, questions that permeate the artist's pictorial constructions and her performance as a painting Teacher at the School of Music and Fine Arts at the State University of Paraná. It seeks to present procedures, working documents and relations relevant to the teaching of painting at the University as a way of bringing art and life, artistic practice and teaching practice.

**Keywords**

painting; creative process; working documents; artistic practice; teaching practice.

**Resumen**

Esta entrevista tiene como objetivo plantear preguntas sobre el proceso creativo en la pintura de la artista y maestra Fátima Junqueira, preguntas que impregnan las construcciones pictóricas de la artista y su actuación como profesora de pintura en la Escuela de Música y Bellas Artes de la Universidad Estatal de Paraná. Busca presentar procedimientos, documentos de trabajo y relaciones relevantes para la enseñanza de la pintura en la universidad como una forma de acercar el arte y la vida, la práctica artística y la práctica docente.

**Palabras-clave**

pintura; proceso creativo; documentos de trabajo; práctica artística; práctica docente.

**ISSN: 2447-1267**

**(M.F.) - Quando começou a se interessar por Arte e em que momento escolheu a pintura como linguagem para desenvolver sua poética?**

(F. J.) - Na universidade, quando ingressei na graduação, mais exatamente. Antes disso, costumava desenhar e tinha esse hábito desde a adolescência. Queria ser reconhecida como uma boa desenhista, as pessoas com quem convivia achavam que eu era... *(risos)*. Isso foi decisivo para minha escolha de estudar arte. O “desenhar” tinha também um aspecto catártico, uma vez que desenhava personagens que inventava na minha cabeça, explorando diferentes expressões faciais, poses, contando histórias para mim, que tinham a ver com dramas existenciais, coisas de adolescente... *(risos)*. A pintura veio bem depois, no segundo ano da graduação, mais ou menos. Decidi que ia ser pintora desde então, me apaixonei pela cor e não me interessei por nenhuma outra linguagem.

**(M.F.) - Sua pintura caracteriza-se por ser figurativa e por apresentar pinceladas marcantes. De que forma se apropria do cotidiano para construir suas imagens? Conte-me um pouco sobre seu processo de criação.**

(F.J.) - Tenho pensado que minha pintura é uma espécie de crônica, quero representar o cotidiano, criar uma narrativa de minhas passagens pela cidade. Mas me interessa também o aspecto formal da pintura. As pinceladas marcantes mostram esse interesse de deixar rastros de tinta, de realçar a materialidade. Trabalho a partir de imagens e, sendo assim, o que posso fazer para criar uma distância desse ponto de partida, ou uma diferença, é deixar as marcas, vestígios da matéria, atentando para sua sensualidade, seu poder de sedução, seu corpo. A pintura trabalha com um tipo de matéria mais primitiva que a imagem digital. E tem também a manipulação com as mãos, se lambuzar para criar uma imagem. Eu acho que eu crio imagens com as mãos e isso me interessa desde sempre. Meu processo envolve fazer pequenos vídeos de meus trajetos pela cidade, usando metrô, andando a pé, passando por lugares públicos. Depois, vem a etapa de selecionar imagens desses vídeos, pausando cenas que me interessam para pintar. Existe aí uma influência de elementos pictóricos oriundos de ruídos eletrônicos.

**(M.F.) - De que forma os objetos, ferramentas e dispositivos utilizados em seu processo desencadeiam seu olhar para a pintura? Quais os seus documentos de trabalho?**

(F.J.) – Meus documentos são: computador, aparatos de captura de imagem – que seriam basicamente meu celular e filmadoras portáteis de baixa resolução – os arquivos digitais que tenho armazenados, meus livros de arte, de literatura, os filmes que vejo na televisão e no cinema. São coisas que me permitem um olhar mais atento para a realidade e fazem mediação com meus pensamentos e sentimentos. Vejo a

arte intrincada com a vida e a pintura parte desse convívio. Tenho uma relação forte com a possibilidade que tem a imagem de contar histórias.

**(M.F.) - Em sua tese "Uma pausa para a pintura", defendida em 2014, você comenta sobre a simplificação da forma fazendo referência a dois artistas, Marlene Dumas e Edvard Munch. Como esses artistas habitam seu ateliê, e quais mais utiliza como referência para seu trabalho?**

(F.J.) – Da tradição ocidental europeia, o modernismo, no seu início, me interessa muito. Foi o que primeiro me chamou atenção para a arte. Quando estudava história da arte para a prova de ingresso na universidade, me apaixonei por Matisse. Mas Munch, principalmente, é referência desde que comecei a pintar. Marlene Dumas também bebe dessa fonte do modernismo, mas têm muitos outros artistas contemporâneos, Mamma Andersson, por exemplo, que acho grandes representantes da pintura figurativa hoje, sem falar em Luc Tuymans, uma boa referência de pintura que questiona o poder da imagem. Dos brasileiros, tem Iberê Camargo, cuja relação com a matéria me encanta e, sobretudo, Anita Malfatti que sempre esteve presente, posso dizer. Descobri sua pintura no MASP ainda quando estudante secundarista e desde então queria pintar daquele jeito um dia...*(risos)*. Mas, naquele tempo não me interessava realmente por Arte...

**(M.F.) - A palavra "pausa" usada no título da tese, pode ser associada à pausa das filmagens, as quais são escolhidas para suas pinturas? O que acontece nessa pausa? Como escolhe as imagens?**

(F.J.) – Sim, foi usada para criar essa referência, remeter ao processo da minha pintura. A escolha da imagem para ser pintada é uma etapa bastante extensa. Primeiro assisto muitas vezes aos vídeos capturados para tentar achar algo que me motive. Atualmente tenho passado os vídeos, previamente selecionados, para o programa Photoshop e lá tenho a possibilidade de ver quadro a quadro. São várias coisas que me chamam a atenção para decidir pela imagem pausada: o enquadramento, a cor, os efeitos dos ruídos de imagem e claro, o conteúdo que procuro naquele momento. Tem uma coisa que é primordial: "o que eu quero" pintar no meu próximo quadro. Às vezes procuro por retratos, outras vezes por paisagens ou ambientes internos ou cenas de multidão. São algumas decisões prévias que estão ligadas ou com um projeto ou uma série que venho produzindo.

**(M.F.) - Você estabelece algum tipo de relação de proximidade entre seu ateliê de pintura e o ateliê de pintura da Universidade, onde ministra aulas de pintura? Percebe alguma contaminação entre eles? Quais?**

(F.J.) – Acho que levo para o ateliê da universidade as questões que estão no meu ateliê. Nas minhas aulas, levo assuntos e artistas do meu interesse, sou movida por isso e minha empolgação para a aula vem daí. Não necessariamente estão relacionados diretamente ao meu trabalho. Num segundo momento, trabalhos de alunos que partem dessas discussões muitas vezes me surpreendem e me fazem pensar em outros enfoques para o meu próprio fazer. Às vezes me preocupa quando a contaminação pende mais para o lado do aluno. Se há uma extensão maior do meu ateliê para a universidade é porque estou colocando demasiadamente minhas questões. Isso eu não quero. Gosto mais de ver o ateliê da universidade como um espaço de experimentação, de diversidade e conflito de ideias. A troca, dessa maneira, torna-se mais efetiva.

**(M.F.) - Como você compreende o ensino da pintura hoje? Acredita ser relevante a proximidade entre as duas instâncias, prática artística e prática docente?**

(F.J.) - O ensino da pintura hoje está muito voltado para discussões em torno da própria linguagem, o que é válido, visto que a pintura hoje precisa desse foco. Mas isso não afasta a ideia de que para uma boa prática docente, uma relação direta com a prática artística é prioridade. Não tem como se discutir relações materiais sem contato com a matéria de fato. Como posso discutir a pressão de uma pincelada sobre uma superfície "x" se não tenho familiaridade com essa sensação? Ou, como saber criar relações cromáticas se não sei diferenciar os diferentes tipos de azul? Para mim, a essência de uma prática docente em disciplinas de pintura é a prática de ateliê. E com isso quero incluir também as práticas que se realiza com a imagem digital. Existe um ateliê também dentro do computador.

**Recebido em 29 de junho de 2020.**

**Aprovado em 14 de julho de 2020.**